



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/03/2016 a 10/03/2016

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ e Tecnóloga em Processos Gerenciais - UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>04/03/2016</b>	8,70	267,70	30,73	4,54	3,54
<b>07/03/2016</b>	8,73	268,50	30,95	4,57	3,55
<b>08/03/2016</b>	8,77	270,00	30,92	4,61	3,58
<b>09/03/2016</b>	8,80	269,60	31,52	4,63	3,59
<b>10/03/2016</b>	8,81	270,20	31,41	4,71	3,62
<b>Média</b>	<b>8,76</b>	<b>269,20</b>	<b>31,11</b>	<b>4,61</b>	<b>3,58</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais\* (compra e venda)  
no mercado de lotes brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média</b>	<b>Var. % relação média anterior</b>
RS - Passo Fundo	73,15	-4,44
RS - Santa Rosa	73,15	-4,07
RS - Ijuí	73,15	-4,07
PR - Cascavel	69,60	-1,97
MT - Rondonópolis	65,30	-3,55
MS - Ponta Porá	62,80	-3,24
GO - Rio Verde (CIF)	63,30	-5,38
BA - Barreiras (CIF)	66,60	-4,45
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	188,80	0,32
Paraguai (FOB)**	142,51	1,42
Paraguai (CIF)**	167,50	0,24
RS - Erechim	42,50	0,00
SC - Chapecó	42,75	0,47
PR - Cascavel	41,85	0,84
PR - Maringá	43,35	1,64
MT - Rondonópolis	33,00	0,00
MS - Dourados	38,00	1,88
SP - Mogiana	45,10	6,62
SP - Campinas (CIF)	48,10	4,16
GO - Goiânia	41,50	2,47
MG - Uberlândia	42,50	1,43
<b>TRIGO</b>		
RS - Carazinho	687,00	-0,43
RS - Santa Rosa	687,00	-0,43
PR - Maringá	789,00	0,51
PR - Cascavel	782,00	1,56

\*Período entre 04/03/2016 a 10/03/2016

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 10/03/2016**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,45	68,70	33,50

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
10/03/2016**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	41,30
Feijão (saco 60 Kg)	153,18
Sorgo (saco 60 Kg)	31,24
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,25
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,90
Boi gordo (Kg vivo)*	5,33

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

A cotação da soja em Chicago, após ter alcançado US\$ 8,50/bushel no dia 01/03 (um dos mais baixos valores dos últimos anos), se recuperou nesta semana, batendo em US\$ 8,81/bushel no dia 10/03.

Houve um claro ajuste técnico, com tomada de lucros por parte dos operadores, sustentados por um relatório de oferta e demanda do USDA (anunciado no dia 09) que, embora tenha aumentado os estoques finais nos EUA para 12,52 milhões de toneladas no final de 2015/16, registrou um recuo de cerca de dois milhões de toneladas nos estoques finais mundiais, com os mesmos ficando agora em 78,87 milhões de toneladas. Igualmente, as importações chinesas foram aumentadas, passando de 80,50 milhões em fevereiro, para uma estimativa em março de 82 milhões de toneladas.

Por enquanto o mercado ignorou a possibilidade de a América do Sul colher um pouco mais do que o inicialmente previsto, já que a safra argentina poderá alcançar 60 milhões de toneladas (o USDA aponta 58,5 milhões), a brasileira ficaria entre 100 e 101 milhões de toneladas (o USDA indica 100 milhões de toneladas), enquanto nos demais países produtores (Paraguai, Bolívia e Uruguai) não houve alterações na estimativa.

Por sua vez, as exportações líquidas dos EUA, para o ano 2015/16, somaram 440.100 toneladas de soja na semana encerrada em 25/02. Esse volume foi 35% acima da média das quatro semanas anteriores. A China foi o maior comprador com 281.400 toneladas.

Quanto as inspeções de exportação de soja, as mesmas somaram 1,07 milhão de toneladas na semana encerrada em 03/03, acumulando no ano comercial iniciado em 01/09/15 um total de 39,5 milhões de toneladas, contra 42,5 milhões em igual período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, a China teria importado 4,51 milhões de toneladas de soja em fevereiro, com recuo de 20,3% sobre o mesmo mês de 2015. Em janeiro as compras chinesas haviam chegado a 5,66 milhões de toneladas. Portanto, no acumulado do ano as importações chinesas somam 10,17 milhões de toneladas.

Vale destacar que em 2016, do total importado pela China, 1,9 milhão de toneladas veio do Brasil, o que correspondeu a 18,7% do total comprado pelos chineses no período. Por outro lado, o Brasil exportou nos dois primeiros meses do ano 2,43 milhões de toneladas, sendo que 78,2% disso foi para a China. Em relação ao ano anterior as vendas totais brasileiras de soja, no período, aumentaram em 155%.

Dito isso, os preços da oleaginosa no Brasil sofreram forte recuo nesta semana. Isso se deveu ao câmbio na medida em que o Real viveu forte valorização a partir dos desdobramentos da Operação Lava Jato, a qual atingiu o núcleo do poder central político nacional, implicando diretamente o ex-presidente Lula e a própria presidente Dilma. O mercado, que deseja ver um ajuste fiscal adequado e reformas estruturais profundas, considerou que tal movimento desenha um quadro de eliminação desta linha político-econômica (intervencionismo estatal na economia, com as nefastas consequências que o país está conhecendo), por uma linha mais ortodoxa e que faça,

finalmente, o chamado dever de casa. Com isso, o dólar chegou a atingir, em alguns momentos da semana R\$ 3,65 por dólar, se estabilizando ao redor de R\$ 3,75.

Assim, mesmo com a recuperação em Chicago, o câmbio predominou, como tem sido corriqueiro, e a média gaúcha fechou a semana, no balcão, em R\$ 68,70/saco, valor que há muito tempo não se via. Os lotes fecharam a semana em R\$ 72,00/saco, já perdendo cerca de R\$ 10,00/saco em relação aos melhores momentos de preço da atual safra. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 57,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 69,00/saco em Pato Branco (PR).

No mercado interno tudo agora irá depender do comportamento cambial, a partir da realidade política. No front externo, existem expectativas de que a área semeada com soja, na futura safra dos EUA, possa ser um pouco menor, fato que poderia elevar o bushel para valores entre US\$ 9,50 a US\$ 10,00 mais para o final do corrente ano. Por enquanto, ainda estamos no terreno das especulações. Por enquanto o mercado encontrou um nível importante de resistência ao redor de US\$ 8,50/bushel, quanto a novos recuos, assim como encontra dificuldade em romper definitivamente o teto dos US\$ 9,00. Em considerando o primeiro mês cotado, essa situação já dura desde o final de agosto de 2015.

No que diz respeito aos produtores brasileiros, a queda atual nos preços confirma a boa estratégia da venda antecipada, onde mais de 50% da safra atual já foi negociada. Quem foi por esse caminho deverá garantir preços entre R\$ 70,00 e R\$ 80,00/saco na média final.

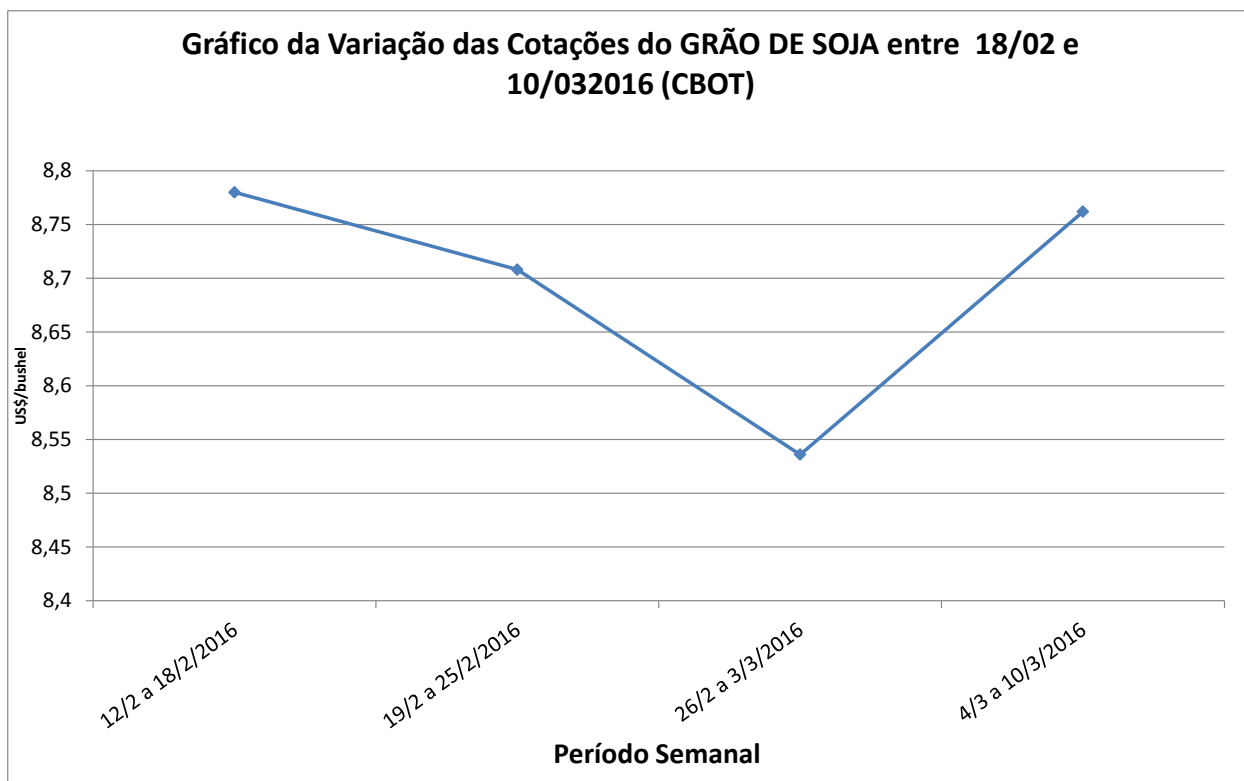
Enfim, a colheita brasileira se mostra atrasada, devido ao excesso de chuvas nas regiões centrais do Brasil, tendo chegado a 41% da área no início de março. No Rio Grande do Sul, onde cerca de 10% teria sido colhido, a novidade é que a Emater, revendo suas projeções, apontou uma safra final ao redor de 16 milhões de toneladas. Isso desconsiderada a possível quebra de 10% na atual safra devido a problemas climáticos pontuais, apontado por algumas entidades de produtores. Pelo sim ou pelo não, confirma-se uma boa safra (e não uma superssafra como a grande imprensa local aponta) já que o aumento da produção se dá pelo aumento na área semeada e não exatamente pelo aumento da produtividade média. Aliás, essa está sendo calculada, no momento, ao redor de 49 sacos/hectare. Nesse sentido, diante dos custos de produção realizados, aqueles produtores que deixaram para comercializar a safra somente no momento da colheita, em permanecendo esse quadro cambial, poderão ter alguma dificuldade em fechar suas contas. E esse raciocínio vale para o restante do país, guardadas as características de cada região.

Quanto à comercialização da atual safra, segundo a AgRural, o volume chegou a 55% do total neste início de março, contra 40% em igual período do ano anterior. Isso confirma a correta percepção dos produtores sobre os excelentes preços praticados nos meses anteriores. No Centro-Oeste, igualmente por necessidade de crédito junto as firmas compradoras, 64% da safra já havia sido negociada. No Sul do país 39% já foi vendido, enquanto no Norte/Nordeste igualmente 64% havia sido negociado no até o início deste mês de março.

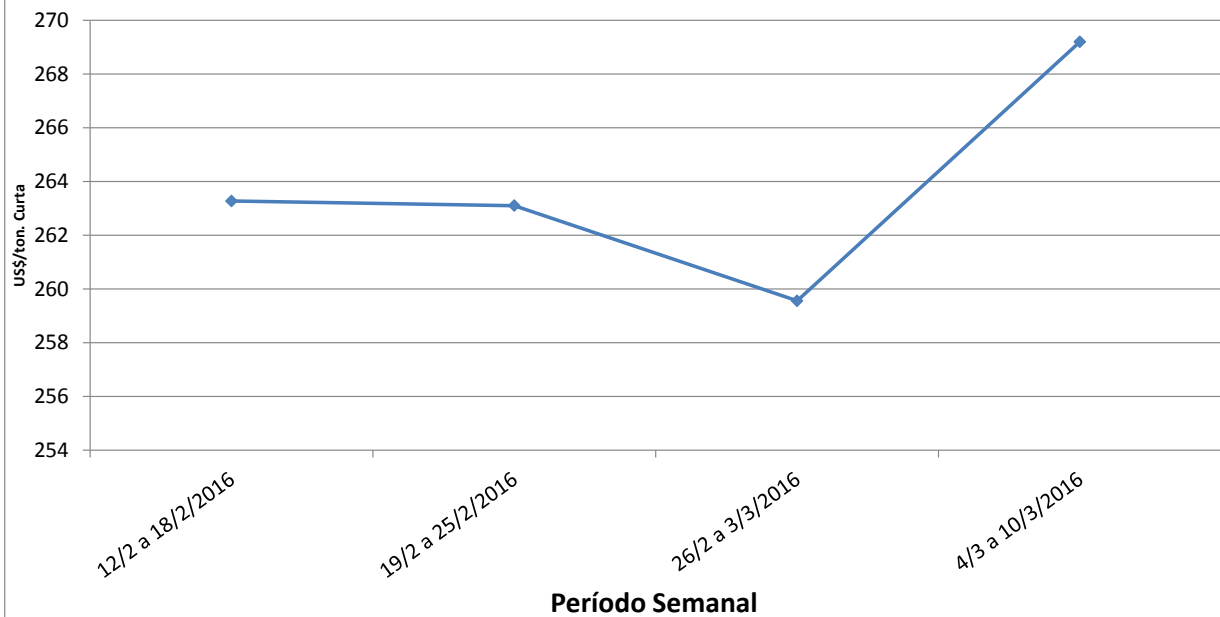
Em termos de preços futuros, para maio, o FOB interior gaúcho recuou para R\$ 72,00/saco, enquanto Rio Grande ficou em R\$ 77,00/saco CIF. Nas demais praças,

para o período de março/abril, Rondonópolis (MT) registrou R\$ 64,30/sacp; Dourados (MS) R\$ 63,00; R\$ Rio Verde (GO), Brasília (DF) e Uberlândia (MG) R\$ 63,00/saco CIF. Na região do chamado Matopiba os valores ficaram entre R\$ 64,00 e R\$ 65,00/saco para maio.

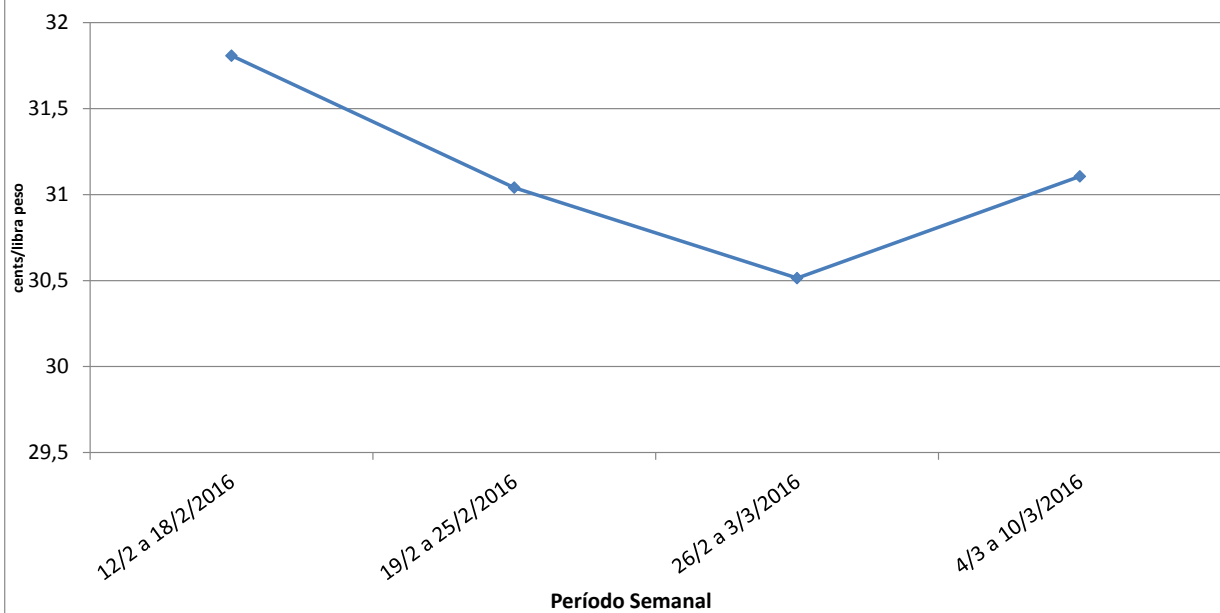
Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 18/02/2016 a 10/03/2016.



**Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 18/02 e 10/03/2016 (CBOT)**



**Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 18/02 e 10/03/2016 (CBOT)**



## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho pouco evoluíram durante a semana, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (10) em US\$ 3,62/bushel, porém, o viés foi de alta durante toda a semana.

O relatório de oferta e demanda do USDA pouco trouxe de novidades. O volume de safra e os estoques finais nos EUA, para 2015/16, ficaram idênticos aos anunciados em fevereiro. Apenas os estoques finais mundiais sofreram uma redução de quase dois milhões de toneladas, ficando agora em 207 milhões de toneladas. A safra brasileira está estimada em 84 milhões de toneladas, com exportações em 28 milhões de toneladas, após o recorde de mais de 35 milhões neste último ano comercial encerrado em 31 de janeiro.

O mercado internacional está atento a entrada da safra Argentina e a uma forte presença no lado exportador por parte deste país, fato que freia os preços em Chicago igualmente. E isso que as exportações de milho por parte dos EUA, nas duas últimas semanas foram consideradas boas, com 1,1 milhão de toneladas e 953.000 toneladas respectivamente.

A partir de agora, e cada vez mais, as atenções se voltam para o relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03. Pode haver, caso a soja se mantenha em níveis relativamente baixos, um aumento da área semeada com milho. Aliás, alguns analistas consideram factível que Chicago volte, logo mais, a um patamar de preços um pouco superior aos US\$ 4,00/bushel para o cereal.

Na Argentina, a tonelada FOB para exportação ficou em US\$ 160,00, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 142,50, ambos os casos para março.

No mercado brasileiro, os preços permaneceram estáveis, com o balcão gaúcho ficando em R\$ 36,45/saco na média semanal. Os lotes registraram valores entre R\$ 41,50 e R\$ 42,50/saco. Nas demais praças os lotes ficaram entre R\$ 28,00/saco em Sapezal e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 43,00/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos.

O referencial Campinas pulou para R\$ 47,00/saco em alguns momentos da semana, já que o mercado não vê possibilidades de oferta significativa que possa reverter o atual quadro de preços no curto prazo.

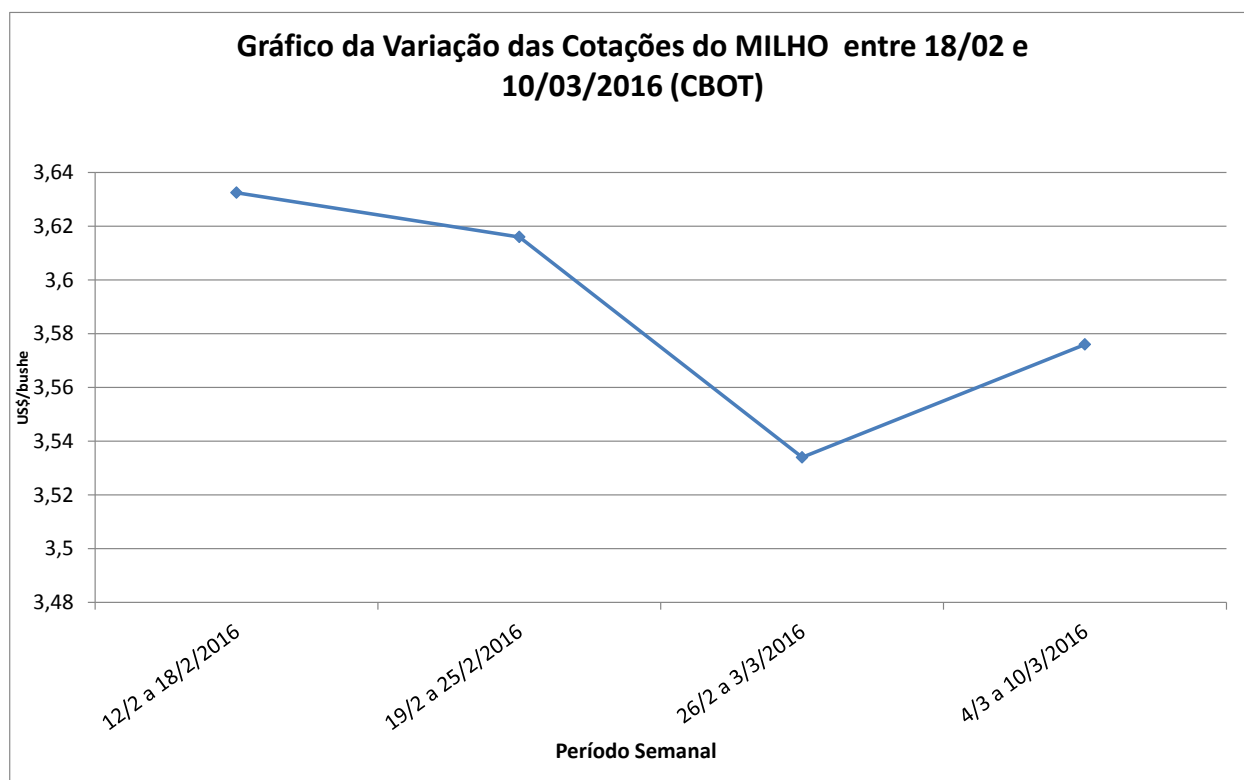
Nesse contexto, as negociações em torno da safrinha paralisaram devido a diferença de preço entre o pedido pelos produtores e o oferecido pelos compradores.

Por sua vez, como já se esperava, a exportação de milho, na primeira semana de março, caiu, ficando em 377.000 toneladas. O produto brasileiro acabou ficando mais caro devido a forte valorização do Real em função dos desdobramentos da Operação Lava-Jato, que atingiu agora o núcleo central do poder político brasileiro, inclusive envolvendo o ex-presidente Lula. Mesmo assim, em termos médios, o milho brasileiro continua sendo mais barato do que os demais concorrentes.

Enfim, a demanda nos leilões de milho em grão realizados no dia 09/03 atingiu a 90,2% do total ofertado, que ficou em 145.000 toneladas.

A semana terminou com o CIF indústrias brasileiras valendo R\$ 47,26/saco para o produto dos EUA e R\$ 45,62/saco para o produto argentino, ambos para março. Para abril, o produto argentino ficou em R\$ 47,84/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 39,72/saco para março; R\$ 39,22 para abril; R\$ 36,53 para maio; R\$ 37,16 para julho; R\$ 33,49 para setembro; R\$ 34,13 para outubro; e R\$ 34,38/saco para novembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 18/02/2016 a 10/03/2016.



## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram um pouco mais nesta semana, fechando a quinta-feira (10) em US\$ 4,71/bushel, após o baixo valor de US\$ 4,38 visto no dia 01/03.

O relatório de oferta e demanda do USDA também aqui trouxe poucas novidades. A safra e os estoques finais nos EUA ficaram como havia sido indicado em fevereiro, porém, houve pequena redução da produção e nos estoques mundiais do cereal, com os mesmos ficando, respectivamente, em 732,3 e 237,6 milhões de toneladas. A produção brasileira ficou mantida em 5,5 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina foi conservada em 11 milhões de toneladas. Nesse contexto, o Brasil deverá importar, em 2015/16, um total de 6,5 milhões de toneladas segundo o USDA.



Começa a pesar um pouco sobre o mercado o fato de o clima nos EUA não estar muito favorável ao desenvolvimento das lavouras de trigo locais. Altas temperaturas antecipadas fazem a germinação vir mais cedo em algumas regiões.

Por sua vez, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, para o ano 2015/16, chegaram a 344.300 toneladas na semana encerrada em 25/02, com aumento de 42% sobre a média das quatro semanas anteriores. Ao mesmo tempo, as inspeções de exportação somaram 443.190 toneladas na semana encerrada em 03/03, volume considerado positivo.

Os preços da tonelada para exportação, nas regiões do Mercosul, variaram entre US\$ 170,00 e US\$ 200,00.

Aqui no Brasil, a estabilidade dos preços se manteve. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 33,50/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 680,00/tonelada (R\$ 40,80/saco). No Paraná os lotes registraram valores entre R\$ 770,00 e R\$ 780,00/tonelada (R\$ 46,20 e R\$ 46,80/saco).

A tendência é de o cenário nacional para o trigo se modificar a partir do final de março, pois espera-se que os moinhos passem a importar mais trigo visando reposição de estoques. Esta importação, nos últimos dias, ficou mais interessante pela forte valorização do Real devido aos desdobramentos da Operação Lavo-Jato e suas consequências sobre a área política nacional. Do total a ser importado pelo Brasil, a Argentina espera participar com 60%.

Nesse sentido, no mês de fevereiro o Brasil importou 373.632 toneladas, acumulando 2,9 milhões de toneladas no atual ano comercial. Deste total, 58,5% foi procedente da Argentina, 21,8% do Paraguai, 10,5% do Uruguai e 9,2% dos EUA. Por sua vez, o Brasil exportou 157.165 toneladas de trigo em fevereiro, totalizando 652.959 toneladas neste ano comercial 2015/16. Obviamente, grande parte deste trigo é de qualidade inferior. O volume exportado foi considerado abaixo do esperado, já que os exportadores estão dando atenção ao milho, cereal que apresenta preços melhores.

Neste contexto, não há expectativa de mudança nos preços internos no curto e médio prazo. Todavia, muito disso irá depender do comportamento cambial e da futura área de trigo que o Brasil irá semear no próximo inverno. Em o Real voltando a se desvalorizar acima de R\$ 4,00 por dólar e a área semeada se reduzindo substancialmente, como se especula, o preço do trigo nacional, mais para o final do ano, poderá sofrer um aumento importante. Sobretudo se Chicago não recuar mais do que os baixos níveis alcançados no início deste mês de março.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 18/02/2016 a 10/03/2016.

**Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 18/02 e 10/03/2016 (CBOT)**

